

A FAMÍLIA DE MATO GROSSO DO SUL

Alisolete Antônia dos Santos

Para falar sobre a família sul-matogrossense é preciso observar os fatores históricos, sócio-econômicos, culturais, religiosos, políticos que permearam e influenciaram sua formação dentro da evolução histórica de Mato Grosso do Sul (antigo Sul de Mato Grosso).

A formação histórica de Mato Grosso do Sul (Sul de Mato Grosso), a partir do século XVII, viveu duas fases de conquistas, primeiro os espanhóis do século XVI, ao final do século XVII, e depois os portugueses, a partir da segunda metade do século XVIII, que se consolidou após a Guerra com o Paraguai.

Os conquistadores espanhóis, ao chegarem, em 1547, na região que circundava o rio Paraguai (Pantanal), depararam com uma numerosa população indígena, organizados em tribos que pertenciam às diferentes nações, entre elas destacam-se: Aruak, Mbyá, Macro Gê, Guarani; das quais, na atualidade, restam algumas tribos como: os Terena (Aruak), os Kadiwéu (Guaicuru-Mbyá), os Guató os Ofaíe (Macro Gê), os Kaiowá, os Nhandeva (Guarani).

O estágio cultural do indígena sul-matogrossense assemelhava-se às demais nações que habitavam o atual território brasileiro, isto é, as tribos reuniam-se em nações, tinham um chefe, o cacique, que era auxiliado pelos chefes guerreiros e pelo conselho de velhos, e havia, também, o chefe religioso, o pajé, que exercia forte influência na vida em comunidade. Os índios acreditavam em vários deuses; não conheciam a escrita e sua economia era baseada na subsistência; caçavam, pescavam, colhiam raízes, sementes e frutos silvestres. Cultivavam algumas plantas. Praticavam trocas de produtos com outras tribos.

Na divisão de trabalho, os homens cuidavam da derrubada das matas para a agricultura. Caçavam, pescavam para alimentar a tribo e praticavam a guerra. As mulheres trabalhavam na agricultura, semeavam, colhiam. Teciam fibras de palmeiras, algodão nativo para fazer tangas, redes, esteiras e cestas. Fabricavam utensílios de barro. E cuidavam da educação dos filhos até a adolescência.

O conquistador espanhol fundou cidade e, auxiliado pelos Jesuítas, foram fundadas as Missões de Itatim, que objetivava reduzir as tribos numa dada região, visando pacificá-los para que esses índios prestassem serviços ao colono.

O colonizador europeu (primeiro os espanhóis, depois os portugueses) impôs sua autoridade à organização tribal. Na economia, introduziu novas técnicas de cultivo, novas plantas, sementes, animais de tração, gado bovino, equino, ferramentas feitas de ferro como arado, enxada, foice, machado e outros. Na religião, os colonizadores trabalharam intensamente na conversão dos índios ao cristianismo. Estes e outros fatores, como

o casamento entre europeus e índias, alteraram a organização familiar indígena, porque a longa permanência do conquistador na nova terra interagiu e estabeleceu complexas relações que, de forma lenta, quase imperceptível, ao longo da evolução histórica, modificaram a base da sociedade, prevalecendo o modelo familiar trazido pelo europeu (espanhol, depois portugueses).

Após a Guerra com o Paraguai, consolidou-se a conquista do Sul de Mato Grosso pelos descendentes portugueses.

Os conquistadores transplantaram para os Campos de Vacaria seu modelo de família, seus costumes, seus valores morais, suas instituições político-administrativas e econômicas. Os bandeirantes do século XIX submeteram à sua autoridade os habitantes do Sul de Mato Grosso.

A organização familiar, transplantada para o Sul de Mato Grosso, trouxe no seu bojo o modelo da família patriarcal. Ela se compunha dos pais, filhos, parentes, agregados. A prole era numerosa. Comum a existência de filhos ilegítimos convivendo com filhos legítimos. As famílias se instalaram em grandes propriedades. Os filhos, enquanto solteiros, ajudavam na manutenção e produção da propriedade do pai. Após o casamento, os filhos passaram a ocupar outra propriedade, mas eles se mantinham ligados ao pai pelos laços consangüíneos e afetivos, e também pelos interesses sócio-econômicos e políticos.

No início do século XX, o desenvolvimento econômico do Sul de Mato Grosso proporcionou o fortalecimento político de um grupo composto de grandes proprietários rurais da região. Estes proprietários rurais praticaram a pecuária extensiva. Esta

atividade econômica exigiu grandes extensões de terras. Sendo assim, este grupo fundamentou seu poder político e econômico no latifúndio e na associação a outros fazendeiros e não proprietários, estabelecendo laços de interdependência. As complexas relações sócio-econômicas e políticas entre proprietários e não proprietários fortaleceram, politicamente, alguns grupos de famílias, dando origem à formação das oligarquias sulinas.

A oligarquia é um grupo político, sócio-econômico e, ao mesmo tempo, é um tipo de organização familiar em que prevalece a autoridade do patriarca, agregando, sob sua autoridade, parentes consangüíneos e, por afinidade, agregados. Durante a ausência do patriarca, motivada pelas viagens para venda do gado ou para participar das revoluções, as mulheres exerciam a autoridade de mando em nome do marido. Era freqüente o destaque de mulheres à frente da administração das fazendas.

Destacava-se, também, neste período, a miscigenação entre os descendentes de portugueses, paraguaios e guarani. Era freqüente o casamento entre descendentes de portugueses, paraguaias e índias. Entretanto, em alguns grupos familiares prevalecia o casamento entre primos, para evitar a partilha do patrimônio econômico e também para garantir e fortalecer as heranças sócio-culturais transplantadas. Era comum as relações extra-conjugais, das quais nasciam os filhos ilegítimos.

Esta miscigenação, mais uma vez, interferiu na evolução histórica do Sul de Mato Grosso, ou seja, aqueles elementos sócio-culturais espanhóis, adotados pelos paraguaios e guarani, habitantes do Sul de Mato Grosso, sofreram interferência dos

elementos sócio-culturais transplantados para a região, pelos descendentes dos portugueses.

A família sul-matogrossense, no início do século XX, não era exatamente igual à família patriarcal definida por Gilberto Freire e, também, não é uma família conjugal moderna, conforme definição de Mello e Souza. Ela adquire peculiaridades motivadas pela miscigenação entre os paraguaios, guarani e os descendentes dos portugueses.

BIBLIOGRAFIA

FETTER, Marco Antonio. *A História das Formas de Organização Familiar no Brasil*. s/d. (Mimeo).

RIBEIRO, Darcy. *Os índios e a civilização*. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 1970.

WEINGARTNER, Alisoete A. dos Santos. *Movimento Divisionista em Mato Grosso do Sul*. Porto Alegre : Edições Est., 1995.

_____. *Mato Grosso do Sul: história e turismo*. Campo Grande/MS : SEBRAE/SENAC, 1997.